

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

(1) Flávio Freire Rodrigues
Universidade Estadual de Londrina, Paraná
flaviofreire@hotmail.com

RESUMO

Este texto é resultado de reflexão particular sobre o tema, que, de certa forma, corrobora com a denúncia da produtividade cobrada de professores e pesquisadores por instâncias superiores. O texto acadêmico, como qualquer outro, precisa ser bem escrito para ser lido e, de preferência, com rapidez. Em tempos de transdisciplinaridade, os textos precisam incorporar outros leitores, não apenas os iniciados. A perspectiva do outro, porém, tem de estar presente. Aumentamos a produtividade intelectual, mas diminuimos a capacidade de textualização. Ou seja, pesquisadores têm escrito mal - claro que isso não é regra. E os problemas encontrados são de diversas ordens – vocabulário, sintaxe, textual, etc - impedindo uma leitura fluida ou correta do texto, ou, pior ainda, o abandono dele. O objetivo deste texto é pensar nas produções acadêmicas atuais como meio de divulgação de conhecimentos ou como apenas mera publicação para pontuação no Lattes.

Palavras-chave: texto acadêmico; textualidade; produtor; leitor.

A escritura questiona o mundo, nunca oferece respostas;
libera a significação, mas não fixa sentidos.
Leyla Perrone-Moisés

Em minha tese de doutorado, a introdução traz uma linguagem mais livre e solta, com menos rigor acadêmico, o qual figurará no restante do trabalho. Em algumas partes do meu mestrado isso também aconteceu. Pensei que na introdução poderia deixar transparecer um pouco mais do meu estilo e pessoa. Para minha surpresa, um dos membros da banca disse que gostaria que meu texto todo seguisse aquele tom.

Cito este exemplo para ver como o texto acadêmico tem um maneirismo que o torna menos palatável do que outros tipos textuais. Minha pergunta neste momento é se precisa ser sempre assim.

Há alguns pressupostos linguístico-textuais aplicáveis a todos os textos, como o de levar em consideração o leitor, objetividade e clareza, no caso de textos dissertativos, como é o caso em questão, uso de argumentos adequados etc. Porém, assim como alguns professores universitários parecem abrir mão da didática nas suas aulas, até por falta de formação pedagógica, os artigos acadêmicos parecem dispensar tais pressupostos, como se estivessem acima do bem e do mal linguístico.

Na discussão de textos acadêmicos com meus alunos, sempre digo que a academia é uma igreja, com toda sua pompa e ritual, inferno e purgatório.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Digo também que o artigo acadêmico tem uma circulação diferente das revistas comuns: é o leitor especializado ou em fase de especialização o maior interessado em conhecer o conteúdo do artigo, mais do que a editora em vender revistas e jornais. Então, o preço a ser pago para obter aquele conhecimento é desvendar o enigma da Esfinge. A preocupação maior quando se escreve o texto é com o conteúdo, uma vez que a função do artigo é dividir com os pares o conhecimento em construção, porém, não se pode ignorar o leitor, porque ele é a outra parte do conhecimento. Não há divisão se não houver o outro, a outra ponta. O conhecimento por si de nada vale. O mesmo acontece em sala de aula: o conhecimento não vale se não atinge o aluno, este sim é o alvo do processo didático, não o conhecimento.

Parece que o leitor é ignorado mesmo, porque uma das premissas do texto objetivo é que não haja sinais de contato com o leitor, sendo proibido o uso da segunda pessoa, da interrogação, ou seja, elementos que invoquem o leitor, criando a ilusão da objetividade linguística.

Márcia Tiburi (2008, p.35) discute alguns apontamentos sobre leitura já conhecidos na linguística, mas compara o processo ao símbolo geométrico do infinito: “o autor assim como o leitor é uma Banda de Moebius. Isso significa que o autor é um leitor, o leitor é um autor”. Esse movimento é cíclico e contínuo, em que um e outro se intercalam nos papéis. E finaliza: “escritor e leitor compõem a figura do ‘autor’” (2008, p. 35). O que me atrai nessa perspectiva é a possibilidade de concatenar escritor e leitor numa figura única, a do autor. Para mim, mesmo em relação aos textos acadêmicos, “se escrevo preciso de um leitor, sou apenas o lado de uma ideia incompleta e que tem chance de se tornar inteira (a chance...) pelo gesto do leitor” (TIBURI, 2008, p.33).

Posto isto, gostaria de continuar este ensaio no sentido que Tiburi (2008, p. 108) lhe dá:

O ensaio, escrito a partir das experiências do autor, [...] é a forma própria do pensar que se busca e busca conhecer além de si e permanece como busca. E o pensamento inacabado... [...] O ensaio é um estilo que, entre a arte e a ciência, é literatura de ideias.

Este texto é resultado de reflexão sobre o texto acadêmico. Que, de certa forma, corrobora com a denúncia da produtividade cobrada de professores e pesquisadores. Me lembra um pouco o processo sofrido pelas mulheres na busca pela independência que culminou na situação atual em que muitas delas são arrimo da família, senão a única trabalhadora, acumulando o turno que tinha em casa com o desenvolvido fora dela. Trabalham em dobro. Não é isso que também temos feito? O mito de Sísifo, em contraposição ao ócio criativo de Domenico de Masi, que propõe a readequação das atividades humanas, num arranjo equilibrado de trabalho, estudo e lazer (MAIS, 2000).

Ouçó falar de pessoas que publicam N artigos em um ano. Como é possível? Em nome de números para engordar estatísticas que só se voltarão contra nós, numa cobrança sempre crescente? Me lembro da cena de Chaplin na fábrica.

Como disse, o texto acadêmico precisa ser bem escrito para ser lido, ou pelo menos lido com menos desprazer. Não pode ser escrito sem a perspectiva do outro, nem na ótica dos apenas iniciados. O vocabulário por si, muitas vezes, já torna o texto hermético. A forma pode desequilibrar o conteúdo, porque um texto mal escrito, ou é mal compreendido ou é abandonado.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Importante lembrar que este tipo de texto é uma comunicação normalmente entre pares. Isso significa que a taxionomia é necessária. De acordo com Alvarez (2006), “os termos técnico-científicos [...] são elementos constitutivos da produção do saber, um recurso de expressão linguística que favorece a univocidade comunicacional”. Então, a questão sobre a qual quero refletir não é terminológica, mas textual. Porque há textos que se tornam difíceis pela textualidade, principalmente a coerência, comprometida.

A função da terminologia específica é assegurar a compreensão na área, sem necessidade de explicações terminológicas básicas. A respeito disso, Alvarez (2006) assevera:

Quando nos referimos à linguagem técnico-científica devemos pensar em aquelas variedades linguísticas que estão fortemente marcadas pela utilização de terminologias especializadas, denominadas línguas de especialidade.

Buscando um texto sobre coesão textual e gênero, para discutir em aula com meus alunos, me deparei com o artigo *A coesão textual em diferentes gêneros do discurso*, de Thaisa Raphaela de Freitas, publicado como matéria de capa da revista *Língua Portuguesa online*. Fiquei perplexo com o texto e com a publicação dele por uma revista de *Língua Portuguesa*. Isso já faz mais de ano e o texto permanece *online*. Muito bem, vejamos alguns dos elementos que me chocaram, uma vez que não esperava encontrar, nesta revista, um artigo que discutisse a repetição textual, apontando a reiteração no texto do aluno como problemática, mas que apresenta também sérios problemas na sua construção. No primeiro parágrafo, temos:

No Ensino Médio, é preciso que os alunos aprendam a base da construção de um texto a partir dos mecanismos textuais, ou seja, a coesão lexical por repetição. A prolixidade do texto, isto é, a repetição desnecessária de palavras pode tornar o texto cansativo, fraco de ideias e sem conhecimento de palavras sinonímicas.

Há confusão no conceito de prolixo com repetitivo, logo no início de um texto que justamente discutirá repetição textual. A autora concebe a coesão lexical por repetição como a base da construção de um texto. Antunes (2005, p. 59), obra de referência citada no texto, cita quatro procedimentos coesivos: repetição, substituição, seleção lexical e estabelecimentos de relações sintático-semânticas. Dentro desse quadro, a repetição, segundo Antunes (2005, p. 60), conta com os seguintes recursos: paráfrase, paralelismo e repetição propriamente dita de uma palavra ou de uma expressão. Neste texto, não há a especificação do tipo de repetição tratado aqui, nem dos demais, ainda que Antunes esteja na base teórica.

Na seqüência abaixo, o texto está confuso por inúmeros fatores.

No texto do aluno aqui apresentado, fica evidente observar na pesquisa no gênero escola, o mecanismo da coesão lexical, em destaque. A repetição pode não ser tão favorável, visto que o termo repetido muda a sonoridade das palavras pronunciadas anteriormente, bem como, em outras palavras, o que foi dito anteriormente não terá a mesma intenção.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Veja como a confusão continua no texto: “observar NA linguagem NO gênero” (repetição e uso incorreto da preposição), “A repetição pode não ser tão favorável” (favorável não é problema textual, é opção, estilo, certo?), “o termo repetido muda a sonoridade das palavras pronunciadas anteriormente” (a repetição muda a

sonoridade da palavra anterior?), “bem como, em outras palavras, o que foi dito anteriormente não terá a mesma intenção” (não consigo supor qualquer sentido aqui). Penso que, quanto à sonoridade, ela se refere à estilística fonética, mas isso não acontece por conta da repetição.

Freitas se propõe a cotejar três textos de gêneros diferentes: panfleto, texto literário e textos discentes, explicando como a repetição funciona em cada um deles. Não consta no artigo, como nos objetivos, nenhuma análise dos outros textos mencionados, apenas um texto escolar, e “não textos”, no plural, é visto. Não há análise propriamente dita.

Buscamos, neste artigo uma definição da coesão lexical, o uso recorrente da repetição e a falta de sentido em seus enunciados, em textos de alguns gêneros do discurso (panfleto, texto literário e textos escolares). A intenção foi investigar os mecanismos coesivos escolhidos para a construção textual de um aluno do Ensino Médio.

No excerto acima, o texto confuso se perde e diz que investigará o texto de um aluno do Ensino Médio. No último parágrafo do artigo (abaixo), a autora generaliza usando o plural “alunos” e volta para o singular, “aluno”. Será uma generalização a partir do texto de apenas um aluno? Usa o adjetivo “elegante”, bastante discutível enquanto critério textual por sua subjetividade.

Contudo, foi possível perceber, através do texto exposto, que os alunos pouco utilizam os mecanismos coesivos, norteadores de um texto claro, preciso e elegante. Por essa razão, a coesão sinonímia pouco aparece nesses textos, tornando-se frequente a coesão realizada pelo mesmo item lexical. Por esta razão que aqui se enfatizou a breve análise dos mecanismos coesivos presentes no texto do aluno, buscando uma melhor explicação para o fenômeno tão frequente nesses textos: a repetição.

A clareza, um critério imprescindível para a textualidade, deixa a desejar nos excertos acima. Um texto que se propõe a falar de textualidade peca exatamente nisso.

Para finalizar as observações, gostaria de retomar uma autora citada no artigo em tela, Antunes, a respeito do problema da repetição:

poderíamos identificar [...] casos de repetição não funcionais, ou inexpressivas, que tornaram o texto menos interessante ou menos informativo. Com esses textos, poderíamos exercitar o procedimento da substituição de palavras por outras equivalentes. A busca de tais casos menos relevantes poderia partir de nossos próprios textos. (2005, p. 85)

A essa fala de Antunes (2005), contraponho o parágrafo de Freitas abaixo:



Em se tratando de repetição, existem muitos conceitos. Segundo Antunes, "a repetição corresponde a todo e qualquer empenho por fazer reaparecer no texto alguma palavra ou sequência de palavras que já ocorreram anteriormente". [...] *Não é um texto sem conexão, sem sentido, é necessário haver uma ligação entre as palavras.* Há a conhecida metáfora do laço, a ideia de que cada segmento, cada frase do texto, precisa estar atada, presa uma à outra, sem pontas soltas; isto é, um texto coeso. (grifos meus)

Segundo Antunes (2005), a repetição é um recurso bastante funcional e desempenha várias funções coesivas:

- a) indicar a ênfase de um determinado elemento;
- b) evidenciar o contraste entre dois segmentos textuais;
- c) expressar um tipo de quantificação;
- d) marcar a continuidade do tema em foco: a maior das funções.

Nenhuma delas justifica as iterações destacadas no texto: a palavra *repetição* acontece duas vezes nas primeiras linhas (não estou levando em consideração as repetições dentro da citação aspeada); *texto* aparece três vezes, quase em seguida. Em jornalismo, uma regra básica é que só se pode repetir uma palavra após a quinta linha, para evitar, justamente, o desgaste do termo. Além disso, a oração em itálico está sem sujeito e quase desconexa do restante; uma paráfrase desnecessária e mal construída.

Antunes aponta também casos de repetições não-funcionais, nos quais não há propósito discursivo, como em “Ao sair de casa, deve-se trancar a porta de casa” (2005, p. 82-3), semelhantes aos casos registrados no texto: “Em se tratando de repetição, existem muitos conceitos. Segundo Antunes, a repetição” e também “cada frase do texto, precisa estar atada, presa uma à outra, sem pontas soltas; isto é, um texto coeso”. O sujeito falando do mal lavado.

A obra literária, desde o momento em que atrai um leitor, invoca também o olhar crítico (PICON, 1969). Com o texto científico, dificilmente nos lembramos de que a forma também comunica. Isso talvez nos ajude a entender tantos textos mal escritos. O desgaste na leitura deveria ocorrer pela dificuldade do conteúdo, mas não da linguagem. Picard (2008, p. 34) usa uma metáfora interessante para nos advertir da impressão incorreta que temos de nossos textos. Ele diz que não conseguimos sentir nosso próprio cheiro nem nos ver, a não ser no espelho, que é uma cópia deformada de nossa imagem. Assim também, só vemos nosso texto por uma via contaminada. Sem falar no estilo que poderia ser desenvolvido com o tempo, mas que normalmente não há tempo para isso, criando colchas de retalhos às quais chamamos texto. Ao passo que o contrário, o bom texto contribui de inúmeras formas, como aponta Sena:

Quando dominadas, tais características [implicadas na escrita de um bom texto], muito mais do que adornos proclamados por meio de ‘dicas’ em cursos de redação, garantem maior segurança no exercício da crítica, maior autonomia no entendimento das entrelinhas do dizer, maior compreensão dos fatos que articulam a construção do mundo e, sobretudo, pela conquista do direito à palavra, maior espaço de interferências no jogo de poder que articula as sempre tensas relações sociais (SENA, 2011, p. 22).



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Nélida Pinõn, escritora laureada, recebeu críticas advindas sobre sua nova obra “A República dos Sonhos” que recaem sobre o estilo um tanto empolado e pobreza na forma. Fischer diz:

a alternância dos narradores, que poderia imprimir variedade ao andamento, pouca diferença faz, porque as três vozes são rigorosamente iguais, se exprimem com o mesmo vocabulário, a mesma sintaxe, a mesma obsessão por adjetivar, dramatizar, realçar em excesso.

Fischer aponta também outros detalhes que conferem um ar talvez inepto à obra da autora, considerada por muitos como hermética e cansativa. Implicações estruturais igualmente ficam aquém, segundo o crítico:

a isso se soma o esforço, infrutífero, por conferir um ar vetusto a Madruga e a seu avô, apresentado como grande contador de histórias, mas que não conta nenhuma delas. Algo disso se vê na tentativa de formular frases de sabedoria ancestral, como “só as palavras essenciais comovem de verdade”. (grifos do autor)

Fischer indica ainda que “o livro é menos as ações ou a subjetividade dos personagens e muito mais esses julgamentos, expostos numa abundância que sufoca o leitor, bloqueado para realizar mentalmente os sugestivos quadros do enredo”. Fischer não aponta diretamente, mas quando diz que o texto peca por “obsessão por adjetivar, dramatizar, realçar em excesso”, está infringindo o princípio do “menos é mais”. Veja esses exemplos levantados por Fischer:

“Breta sentia-se refletida no avô. Também ele a deblaterar contra uma solidão da qual já não poderia arrancar, como antes, gritos de triunfo e nacos de poder”; Madruga tinha a “crença de ser a vida uma batalha campal onde se impunha desfraldar a bandeira dos vencedores”. (grifos do autor)

As questões apontadas aqui, levantadas da crítica de Fischer, indicam que a forma tem participação imprescindível no texto, principalmente literário. Se se abre mão dela, baixa-se a guarda a críticas como as acima.

Os tempos de especialização em que vivemos nos dariam profissionais do conhecimento, estes, porém, têm se mostrado escritores deficientes. Picard (2008) diz que não temos tempo para o exercício da escrita. Talvez seja isso. E veja, não é uma questão apenas de leitura, porque provavelmente esses autores leem muito. É bastante comum ouvir-se que quem lê muito, escreve bem. Porém, Sena (2011, p.20-21) nos adverte que “cada uma dessas práticas mobiliza mecanismos e exigências específicas. Assim, aquela pessoa que se entrega ao hábito da leitura estará desenvolvendo habilidades para se tornar um bom leitor”.

Só a leitura não transforma o sujeito em bom escritor. É necessário que a leitura seja atenta à forma, porque escrita não trata apenas do conteúdo; é necessário que se observe as opções do autor e o resultado delas, ou seja, uma leitura quase análise linguística.



A TÍTULO DE FINALIZAÇÃO

Minha proposta era uma reflexão sobre como temos escrito academicamente. Se houver leitores para nossos textos, uma vez que a pergunta: “quem está lendo nossos textos, uma vez que parece haver mais textos publicados que leitores” parece indicar movimento descendente, é necessário que os textos sejam “competitivos”, isto é, colaborem com o leitor no momento da leitura. Penso que os alunos de graduação sejam uma boa parcela dos leitores dos textos publicados, desde os calouros até os formandos. Seria condizente que o texto pudesse levá-los em consideração também. Veja bem que não estou propondo a facilitação do conteúdo, mas que a linguagem seja clara, objetiva e fluida; que os percalços textuais não sejam pedras no sapato de quem quer compreender o texto; que a briga pela compreensão seja pelo teor dele e não por sua forma.

Eu não estava procurando textos com problemas para analisar em sala de aula. Eu buscava por um texto que discutisse a coesão e me deparei com este que analisei aqui. Sempre que discuto um texto, exploro também a configuração estilística, o arranjo textual, porque mesmo o acadêmico não existe só como conteúdo, abrindo mão da forma, mas existe também textualmente, nos dois sentidos que esta palavra consegue assumir.

Sena, na introdução de *A engenharia do texto*, discute a dificuldade dos alunos em produzir textos coerentes e coesos, fenômeno que anteriormente registrava-se no ensino fundamental e médio, mas que hoje já se pós-graduou. O autor diz que “o razoável tempo de experiência em cursos de pós-graduação está a nos provar que as dificuldades para se concatenar as ideias em uma monografia ou dissertação, sempre excetuando alguns casos, persistem a tal ponto, que o professor orientador mais criterioso acaba tornando-se, também, co-autor na construção dos textos” (SENA, 2011, p. 18). E o próximo passo é a sala de aula, o que provocará um efeito dominó devastador. É contra esse efeito que precisamos resistir.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Maria Luisa Ortiz. *A tradução técnico-científica no contexto latino-americano*. 2006. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/atividades/TEXTOS/texto_264.html>. Acesso em: 22 mar. 2016

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

FISHER, Luis Augusto. A ladeira íngreme de Nélida Pinõn. Ilustríssima. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 set. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1680462-a-ladeira-ingreme-de-nelida-pinon.shtml>> Acesso em: 01 out. 2015.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

FREITAS, Thaisa Raphaela de . *A coesão textual em diferentes gêneros do discurso*. Disponível em <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/36/artigo264700-2.asp>>. Acesso em: 03 jun.2016.

MASI, Domenico. *Ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PICARD, Georges. *Todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina de pensamento*. São Paulo: Parábola, 2008.

PICON, Gaëtan. *O escritor e sua sombra*. São Paulo: Nacional/USP, 1969.

SENA, O. *A engenharia do texto: Um caminho rumo à prática da boa redação*. 4. ed. Manaus: Valer, 2011.

TIBURI, Márcia. *Filosofia em comum: para ler junto*. Rio de Janeiro: Record, 2008.